

O Céu e a Terra: Um Olhar Sobre os Astros Através de Diferentes Culturas

Iara B. Ferreira^{1,2}, Marcelo A. A. Ferreira^{1,3,4}

1. Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST; * jarabrandao8@gmail.com
2. Estudante de Graduação de Bacharelado em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO
3. Estudante de graduação de Bacharelado em Astronomia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
4. Estudante de Graduação em Licenciatura Matemática da Universidade Estácio de Sá – UNESA

Palavras Chave: Astronomia Cultural, Divulgação da Ciência, Etnoastronomia

Introdução

Quando não existiam relógios e calendários para marcar a passagem do tempo como conhecemos atualmente, os povos utilizavam o céu e o movimento dos astros como referência dessa passagem. Isso era necessário para marcar das atividades de seus cotidianos, como a época certa para plantar, bem como as ocorrências meteorológicas (as chuvas e das secas, etc.). Para muitos, os fenômenos naturais estão relacionados com seres mitológicos ou divindades, sendo algumas representadas por corpos celestes.

A maioria das constelações adotadas pela astronomia dita “ocidental” foram idealizadas por civilizações europeias no período da Antiguidade. Atualmente, a astronomia “ocidental” possui um caráter voltado para pesquisas científicas, que visam entender a composição e a estrutura do universo, mas, mesmo assim, continuam usando essas constelações como referência. Entretanto, povos de diversas partes do mundo observam o céu de maneiras diferentes. Para muitos povos indígenas brasileiros, as estrelas são vistas de outras formas e ainda estão diretamente ligadas a fenômenos naturais.

Com a finalidade de entender a diversidade com a qual os povos observam os fenômenos celestes e os integra nas suas atividades, se desenvolveu dentro da astronomia uma área denominada Astronomia Cultural. Os estudos de Astronomia Cultural se preocupam em distinguir as diversas formas de como os povos, antigos ou modernos, percebem e interpretam os fenômenos celestes e os integra dentro dos seus sistemas culturais de observação, relacionando-os com acontecimentos de seus cotidianos.

Resultados e Discussão

Cartas celestes são mapas do céu utilizados para identificar constelações em determinadas épocas do ano, bem como as estrelas que as compõe. A maioria desses mapas celestes faz referência às constelações da astronomia ocidental. São poucos os que mostram a visão de outras culturas sobre o céu.

Pensando nesse aspecto, o projeto das Cartas Celestes Indígenas Ticuna, visa elaborar cartas celestes (e outros materiais voltados para divulgação da ciência) que identifique constelações e outros astros em diferentes culturas. Optou-se começar com os índios Ticuna (povo localizado no estado do Amazonas, na fronteira com a Colômbia e Peru), por já existir um projeto de pesquisa, no Museu de Astronomia e Ciências Afins – local que esse material está sendo desenvolvido – que analisa o conhecimento desse povo sobre as relações céu - terra. Como essa pesquisa já foi desenvolvida dentro da instituição, a quantidade de material disponível também afetou a escolha do povo trabalhado.

O asterismo escolhido para desenvolver as primeiras cartas foram os que representam a Briga da onça com o tamanduá, que aparece no período de estiagem para esses índios. A confecção das cartas celestes ocorreu em

etapas, desde leituras de artigos sobre esse povo e suas histórias, identificação das constelações dentro desses registros, mapeamento das constelações no céu, a partir de um software de simulação do céu (Stellarium), e confecção da arte da carta celeste. Vale ressaltar que todos os desenhos da arte da carta celeste, foram feitos pelos próprios Ticuna.

Conclusões

A primeira carta confeccionada foi a do mês de Outubro, mas ao invés de usar as coordenadas geográficas das cidades em que esse povo se encontra, foram usadas as coordenadas do Rio de Janeiro, por conta do Encontro Anual da Sociedade Interamericana de Astronomia Cultural, que em 2015 aconteceu na cidade do Rio. A pesquisadora Priscila Faulhaber (antropóloga da Coordenação de História da Ciência – MAST) que desenvolve o projeto de pesquisa sobre os Ticuna e as Relações céu-terra, englobou esse material na exposição “Céu Ticuna”, e o distribuiu para todas as pessoas presentes nesse Encontro Anual.

Esse material também foi distribuído no Curso de Formação de Mediadores Culturais Tupi Mondé, realizado em 2015 na cidade de Cacoal, Rondônia. O curso era voltado para professores indígenas de cinco etnias diferentes. Dentro da programação do curso foram ministradas aulas de Astronomia básica, nas quais foram apresentadas diversas formas de olhar o céu, e essas cartas celestes Ticuna foram entregues aos participantes e usadas para exemplificar essa questão.

O projeto pretende continuar a desenvolver esse tipo de material, englobando histórias diversas, ligadas a outras constelações, assim como, utilizar a cultura de outros povos indígenas diferentes do Ticuna. Ao desenvolver esse material, criar atividades de divulgação que permitem mostrar ao público, em geral, variação das formas de interpretar o movimento dos corpos celestes, de acordo com a cultura de cada povo, bem como a região em que eles vivem.

Bibliografia

- NIMUENDAJU, Curt. **Os Ticuna**. Universidade da Califórnia, 1952.
- FAULHABER, Priscila. **As estrelas eram terrenas. Antropologia do Clima, da iconografia e das constelações Ticuna**. Revista de Antropologia (São Paulo), São Paulo, v. 47, n.02, p. 379-426, 2004.